



A LUTA POR DIREITOS HUMANOS NA GUATEMALA: RESISTÊNCIA, MEMÓRIA E TRAUMA EM *ME LLAMO RIGOBERTA MENCHÚ Y ASÍ ME NACIÓ LA CONCIENCIA*, DE ELIZABETH BURGOS:¹

Leida Cristina Saraiva Teixeira

Especialista em Educação em Direitos Humanos e Diversidade
Mestranda em Estudos Literários
Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Federal do Pará
E-mail: leida.teixeira@ifpa.edu.br

Jairo Silva

Mestrando em Letras – Estudos Linguísticos
Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Federal do Pará
E-mail: jairo.silva@ifpa.edu.br

RESUMO: Este trabalho objetiva revelar que os traumas e as lutas de resistência vividos pelo povo guatemateco, fundamentaram-se como fatos guardados nas memórias de Rigoberta Menchú e que constituíram seu relato descrito na obra *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia* (2007 [1985]), de Elizabeth Burgos, e contribuíram para que a índia, mulher e campesina, Rigoberta Menchú, viesse a se tornar uma ativista aguerrida na luta pelos Direitos Humanos de seu povo indígena e campesino na Guatemala. A teoria baseia-se, principalmente, em Ricoeur (2007) acerca de Memória e Esquecimento, Seligmann-Silva (2003; 2008) acerca de Memória e Trauma, Bosi (1996) acerca de Resistência e de Mello (2002) acerca de Direitos Humanos.

Palavras-chave: Memórias; Traumas; Resistência; *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia* (2007 [1985]).

“Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer.”

SELIGMANN-SILVA (2008, p. 66)

INTRODUÇÃO

Ao estudar sobre História, Memória e Literatura, durante a disciplina ministrada no 1º semestre de 2017, pelo prof. Dr. Carlos Henrique Lopes de Almeida, pelo Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará- PPGL/UFPA, e conversas sobre literatura hispânica com o coautor deste trabalho, motivaram a construção pelo presente artigo na busca por revelar os traumas, a resistência e as memórias da personagem viva Rigoberta Menchú, ao narra suas lutas e sua vida na obra *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia* (2007 [1985]), de Elizabeth Burgos

¹Artigo adaptado do artigo acadêmico produzido para a nota final da disciplina do mestrado em Estudos literários, História, Memória e Literatura, ministrada no 1º semestre de 2017, pelo prof. Dr. Carlos Henrique Lopes de Almeida, pelo Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará- PPGL/UFPA.



Desafios pedagógicos em uma sociedade em transição e, revela como seus traumas a fizeram Renascer como indígena, mulher e campesina e a levaram a

se tornar ativista dos Direitos Humanos na Guatemala, um dos países da América Latina, onde as guerrilhas foram provenientes das lutas contra os governos de Ditaduras militares acarretando radical mudança nos países da região que acabaram também por implantar ditaduras semelhantes, as quais causam destruições e marcas profundas, sobretudo na vida e na memória das pessoas e o registro de quem costuma relatar/narrar sobre tais eventos tem se destinado aos adultos militantes; quase não se tem relatos que incluem as memórias das pessoas que eram crianças/adolescentes/jovens à época dos acontecimentos e, muito menos, dos traumas gerados em decorrência das infrações aos direitos humanos e das atrocidades cometidas pelo poder ditatorial e ocorridos também em outros países latinos americanos como Brasil, Chile, Argentina e, cujo “fantasma”, atualmente, volta a rondar sobre as populações da Venezuela, do Brasil e dos Estados Unidos.

O livro *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la consciéncia* (2007 [1985]) no contexto da ditadura instaurada em 2 de julho de 1954, na Guatemala

A obra foi publicada pela 1ª vez pela Casa de las Américas, em 1983 e pertence ao gênero literário Literatura de *Testimonio* e retrata a vida da índia maya-quiché Rigoberta Mechú, em uma gravação de 25 horas, denuncia, os maus tratos e as atrocidades a que foram submetidos os povos indígenas guatemaltecos, a vivência, desde o nascimento em 1959, passando pela sofrida e podre infância, , na Guatemala, até sua chegada à Paris, em janeiro de 1982, quando Rigoberta Menchú foi à casa da autora, a antropóloga venezuelana Elizabeth Burgos, durante o exílio acerca da repressão sofrida pelos povos indígenas guatemaltecos durante a ditadura na Guatemala, cuja ação violenta do Estado guatemalteco (durante o golpe dado pelo coronel Carlos Castillo, com o apoio dos EUA, gerou traumas devido às atrocidades e maus tratos impostos pela sociedade branca e abastarda da Guatemala à população pobre e de maioria indígena) foi a causa inicial da luta de Rigoberta, que segundo Elizabeth Burgos, “*Es la historia de los más humillados ente os humillados*” (BURGOS, 2007 [1985], p. 7). Isto tudo revela a luta de Rigoberta em busca de reconhecimento e respeito aos direitos dos povos indígenas da Guatemala como uma maneira de amenizar os traumas por ela vividos e guardados em sua memória.

Memória e Resistência por Direitos Humanos

Rogério Leal, em seu artigo intitulado “Verdade, memória e justiça: um debate necessário” (2012, p.10), afirma que “o tema da Memória se afigura de extrema importância à apuração da verdade e da justiça envolvendo a violação de Direitos Humanos – DH – por regimes militares”, e



además quando se trata dos crimes cometidos às crianças/adolescentes/jovens filh(a)os de

guerrilheir(a)os/militantes contrários ao governo vigente à época das guerrilhas latinoamericanas, pois, Rigoberta Menchú quando criança/adolescente/jovem ficara à margem dos que foram considerados como vítimas da barbárie da ditadura guatemalteca e, mesmo tornando-se ativista na juventude, ainda hoje, carrega os vestígios guardados, sobretudo na memória, dos traumas e das atrocidades cometidas dos momentos de infração dos Direitos Humanos–DH, tais quais são

[...] aqueles VALORES ÉTICOS, MORAIS E POLÍTICOS, considerados por uma determinada sociedade, em uma determinada época, como os mais importantes para que, sendo respeitados, estejam assim asseguradas as condições mínimas que irão permitir uma existência com DIGNIDADE, LIBERDADE e IGUALDADE para qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo onde se encontre. (MELLO, 2002, p. 3).

As práticas dos agentes repressores não obedeciam aos direitos humanos de ninguém e tais atos ainda permeiam as memórias de Rigoberta, cujos relatos não são de uma infância/adolescência/juventude feliz, mas sim apregoada de dificuldades e lutas pela sobrevivência, e, dos momentos de luta da resistência, onde os mais simples e importantes DH's eram exclusivos.

Esta realidade de lutas e Resistência, além do exemplo dado pelo empenho de seu pai, Vicente Menchú à frente da direção da comunidade de Quiché, (um dos “cabeças” da invasão da embaixada da Espanha em janeiro de 1981) e convertido em herói nacional pelos índios guatemaltecos, fixaram raízes na memória de Rigoberta, pois, ela compreendia que “Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir.” (BOSI, 1996, p. 11) e, esta resistência se deu acerca de alguns fatos ligados também às outras ditaduras latinoamericanas cujas atitudes eram de “[...] massacre dos humilhados, [...]tortura sistemática contra vítimas indefesas, [...] repressão e censura indiscriminada, [...] imposição de brutal sofrimento físico a considerável parte das populações [...] entre outras atrocidades e infrações aos direitos humanos.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.353). Estas atitudes acabaram por gerar traumas aos envolvidos direta ou indiretamente nas lutas contra tais governos ditatoriais, como é o caso de alguns episódios relatados na obra de Elizabeth Burgos acerca dos traumas nas/das memórias da infância/adolescência/juventude de Rigoberta.

A personagem viva Rigoberta Menchú e o Trauma

Rigoberta Menchú Pareres nasceu em uma numerosa família camponesa de etnia indígena Maya-quiché, na Guatemala, em 1959, no/a distrito/aldeia de El Quiché, povoado de San Miguel de Uspatán, ao noroeste do país (Ver mapa).

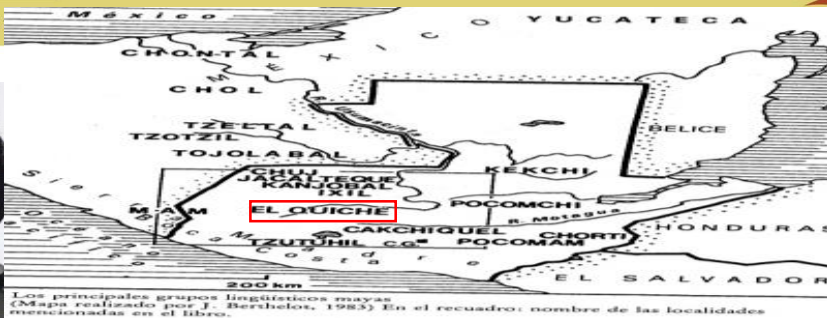


Foto de Rigoberta Menchú
 Fonte: www.biografiasyvidas.com

Mapa da região de vivência de Rigoberta Menchú na Guatemala.
 Fonte: Burgos, 2007 [1985], p. 20.

Os percalços da pobreza, discriminação e atos violentos por parte da elite da Guatemala em relação às lutas de emancipação dos povos indígenas a levaram a lutar pelos direitos do seu povo e a visitar muitos outros povos indígenas para que estes se engajassem na mesma luta, pois,

La historia de su vida es más un testimonio sobre la historia contemporánea que sobre la de Guatemala. Por ello es ejemplar, puesto que encarna la vida de todos los indios del continente americano [...] la discriminación cultural que sufre es la misma que padecen todos los indios del continente desde su descubrimiento. (BURGOS, 2007 [1985], p. 9)

Para tanto, Rigoberta participou das atividades do Comitê da Unidade Campesina (CUC) e da Frente Popular 31 de Janeiro², entidades criadas pelo campesinato indigenista para reivindicar os direitos de seu povo percorre vários lugares desde a sua aldeia até chegar à capital de seu país, a cidade da Guatemala, dando seu testemunho em diversos departamentos públicos, como as embaixadas da Suíça e da Espanha, passando também pelo México (exílio) onde se reúne com bispos católicos até chegar, finalmente, a Paris, em 1982 (como representante da Frente Popular da qual participava), carregando consigo suas vestes e seus adornos, suas palavras e seus costumes, o orgulho por suas origens e cultura milenar; mas carregando também seus traumas...

O “Trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa.” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69) e, ainda o próprio Seligmann-Silva (2003, pp. 48; 49) relata que “a experiência traumática é, para Freud, aquela que não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre, a história do trauma é a história de um choque violento, mas também de um desencontro com o real.”, mas isto não é percebido em alguns momentos traumáticos relatados por Rigoberta Menchú, como vemos nos trechos a seguir:

El caso de mi padre, el caso de muchos otros compañeros que cayeron allí [...] se encontraban también elementos del regime que cayeron, murieron quemados juntos a los campesinos. [...] Fueron quemados y lo único que se pudo sacar fueron sus

² Data do aniversário do massacre de um grupo de índios vindos do/a distrito/vila de Quiché e que haviam ocupado a embaixada da Espanha na Cidade da Guatemala.



Desafios pedagógicos de uma sociedade em transição. **ADAPTIVIDADE**
emiza. Ante esa situación, um golpe tremendo. De mi parte no era lamentar la vida de mi padre e de mi hermano. (BURGOS, 2007 [1985], pp. 25; 210)

A memória tem sido uma grande aliada na busca por justiça e reparação quando se trata dos fatos ocorridos durante as ditaduras, sobretudo as latinoamericanas. Fatos estes que envolveram violações aos Direitos Humanos que ainda precisam ser pesquisadas, pois “o tema da memória se afigura de extrema importância à apuração da verdade e da justiça envolvendo a violação de Direitos Humanos e por regimes militares.” (LEAL, 2012, p.10) e um tema que precisa ser lembrado, pois, para Benjamin (1986, p. 210), “A memória é a mais épica de todas as faculdades”, e para Ricoeur, “lembrar-se é, em grande parte, não esquecer.” (2007. p. 451) já que o conhecimento sobre o passado é capaz de nos fazer entender o presente e abrir os caminhos para a construção de um futuro mais justo, pois, “a memória é a melhor arma humana contra a barbárie. (ANTUNES, 2016, p. 2)”³, quando entendemos “Memória enquanto potência enunciativa da criação e da singularização do sujeito emancipado da massa e da multidão.” (ENDO apud GINZBURG E SEDLMAYER, 2012, p. 182).

Devido a isto, os traumas, muitas vezes, geram problemas psicológicos graves, tais como

As neuroses traumáticas que dão uma indicação precisa de que em sua raiz se situa uma fixação no momento do acidente traumático. Esses pacientes repetem com regularidade a situação traumática, em seus sonhos, onde correm ataques histeriformes que admitam uma análise, verificamos que o ataque corresponde a uma completa transportação do paciente para a situação traumática. É como se esses pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se ainda tivessem enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada; e levamos muito a sério esta impressão. (FREUD, 1917, p. 325)

Episódio semelhante ao descrito em relação aos sonhos foi relatado por Elizabeth Burgos quando cita que Rigoberta “*Um dia me confesó que por primera vez era capaz de dormir lanoche entera sim despertasse sobresaltada, sin imaginar que elejército había venido a detener la.*” (BURGOS, 2007 [1985], p. 13) ao lembrar “de los acontecimiento dramáticos acontecidos à sua familia“ (*Idem*, p. 12).

CONCLUSÃO

Apesar dos choques traumáticos presenciados por Rigoberta Menchú na infância/adolescência/juventude e dos traumas relatados em *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la consciéncia* (2007 [1985]), não desiludem Rigoberta da luta contra as questões de violações

³Em entrevista a Paulo Abrão - Diretor do Instituto de Políticas Públicas em Direitos Humanos do Mercosul (IPPDH) que funciona dentro da Escola Mecânica da Armada Argentina (a extinta ESMA), hoje um espaço dedicado às vítimas da, especialmente cruel, ditadura argentina. Ver em: www.clarinonline.com (24 de setembro de 2015)



aos direitos humanos, ao contrário, fez com que ela, partir dos traumas vividos, se tornasse ativista pelos direitos humanos de seu povo, sobretudo dos camponeses indígenas e das mulheres da Guatemala.

Portanto, ao analisar a obra *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia* (2007 [1985]), percebe-se que as memórias das crianças/adolescentes/jovens envolvidos com os fatos ligados as guerrilhas latinoamericanas necessitam continuar a serem estudados para investigar se estes geraram traumas, como aconteceu com Rigoberta Menchú, a fim de que estes envolvidos possam se conscientizar e lutar por seus direitos e por reparação, no intuito de fazer com que tais atos jamais se repitam na história da humanidade, independente do país a que estes pertençam.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. Narrativa e resistência. **Revista Itinerários**. Nº 10. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP - 05508-900 – Araraquara/SP, 1996.

BURGOS, E. **Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia**. México/D. F.: Siglo XXI editores S.A., 2007 [1985]. ISBN 10: 9682313155. PDF

ENDO, P. C. Walter Benjamin, Sigmund Freud e o trauma das máquinas. In. : GINZBURG, J. e SEDLMAYER, S. **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p.n171-188.

FICO, C.; FERREIRA, M. de M.; ARAÚJO, M. P.; QUADRAT, S. V. (Org.). **Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FREUD, Sigmund. (1917/1989). **Conferência XVII: fixação em traumas – o inconsciente**. V.16. In: ESB. Rio de Janeiro: Imago, 2ª Ed.

LEAL, R. G. (Org.). **Verdade, memória e justiça: um debate necessário**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012. PDF. [recurso eletrônico] Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/diversos/verdade.pdf>

MELLO, R. B. **Direitos humanos e fundamentais**. Juristas leigos. Bahia: AATR, 2002. In. : <http://rafaelbertramello.jusbrasil.com.br>

RICOEUR, P. (1913). **A memória, a história e o esquecimento**. 6ª reimpressão (2014). Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007, pp. 17-142; 357-535.

SELIGMANN-SILVA M. **História, memória, literatura: o testemunho na Era das catástrofes**. Campinas/SP: UNICAMP, 2003.

_____, Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista Psicologia clínica**. Vol. 20, nº 1. Rio de Janeiro/RJ: 2008, p. 65-82. (Artigo). ISSN 01035665